



No Script!

Editorial

A história do cinema é composta por muito mais do que simples termos técnicos e evolução de equipamentos, pois traz consigo as memórias fundamentais de fragmentos de tempo em forma de narrativas, romances, modas e ainda se mantém presente em cada desenvolvimento atual. Ou seja, é tornar o passado vivo no presente enquanto ambos convivem com o futuro, tudo isso presente nos enredos e cenários que foram, são e um dia serão épicos o suficiente para que sejam lembrados por gerações.

Nesta edição da *No Script!*, decidimos trazer para vocês um precioso túnel do tempo a partir dos anos 10 até os anos 60, para que possam explorar, compreender e, acima de tudo, sentir a emoção dos primeiros anos do cinema. Talvez encontrem por aqui a fórmula secreta da modernidade, enquanto mergulham conosco neste feixe de tempo valioso para a humanidade, ou, talvez apenas se sintam extasiados ao descobrirem o passado que vive nos detalhes do presente e se perguntem o que virá no tão próximo futuro. Afinal de contas, o cinema já foi preto e branco, mudo e pouco prático, mas hoje é capaz de criar mundos fantásticos por si só.

Esperamos que aproveitem a leitura, pois por mais que as épocas transformem certas funções, entreter sempre foi a forma mais bela de se atrair o público para a compreensão da realidade e seus arredores. Leia e se pergunte quem será no futuro presente em conjunto com suas histórias passadas, quando tiverem a resposta, responda-nos nas redes sociais.

Boa viagem no tempo!

Redação do Cinecom

- 4 a trajetória do cinema - de 10 a 60
- 6 a linha do tempo
- 8 túnel de curiosidades
- 10 carlitos, um cidadão do mundo
- 11 da cintura para baixo
- 12 fortalecimento de Hollywood, realismo e vanguardas
- 13 a manipulação através do cinema
- 14 os anos de guerra
- 15 as estrelas que marcaram os anos 50
- 16 um novo cinema para o Brasil
- 17 destaques da quarentena
- 18 batalha de séries
tinder de personagens
- 19 playlist retro
- 20 TOP 5 da equipe
- 21 Mazzaropi, o nosso eterno Jeca Tatu
- 21 cantando no gramado

CONTÉÚDO

A TRAJETÓRIA DO CINEMA - DE 10 A 60

Em tempos normais, era super comum chamar os amigos ou o crush para ir ao cinema assistir aquele filminho especial, comprar guloseimas e acabar com tudo durante os trailers. Mas você sabe qual a história do cinema? Não? Então prepara a pipoca, porque o Cineducação dessa edição vai te contar tudo desde a década de 10 até os anos 60.

O cinema surgiu no século XIX e foi se desenvolvendo ao longo do tempo. Thomas Edison criou em 1889 o cinetoscópio, uma câmara escura com um orifício para colocar um dos olhos e enxergar a ação que acontecia dentro dela, que passou por adaptações e melhorias feitas por Léon Bouly, mas só foi ser patenteado pelos irmãos Lumière anos depois. Foi dessa forma que no dia 22 de março de 1895 ocorreu a primeira exibição do primeiro filme feito pelos irmãos. *La Sortie de L'usine Lumière à Lyon* mostra os trabalhadores saindo da empresa Lumière em Lyon, na França.

Mas foi no século XX que o cinema se firmou e tornou-se a potência que conhecemos hoje.

Lembra do Thomas Edison? Então, 1908 ele fundou a MPPC - Motion Pictures Patents Company, que era nada mais do que uma associação de produtoras e distribuidoras cinematográficas que tinham como objetivo assumir o controle da indústria nos EUA. Tudo era controlado pela MPPC; desde a produção dos rolos de filmes, as câmeras, até firmar acordos com os donos dos lugares aonde os filmes seriam reproduzidos. Eis então que algumas pessoas que faziam parte desse meio resolvem fugir para um lugar onde pudessem produzir longe da MPPC. E é nesse contexto que surge Hollywood e com ela, oito grandes estúdios, o Big Eight, entre eles: Warner Bros, Fox, Columbia e Universal.

Há grandes filmes dessa época, então vou deixar aqui um dos mais memoráveis: *Le Voyage Dans La Lune (Viagem à Lua)*, de 1902, dirigido por Georges Méliès.

A chamada Era de Ouro no cinema consistiu en-

tre 1917 até 1960 e a principal novidade que chega é o cinema falado. Os anos 20 foram muito influenciados pelo "american way of life", grandes artistas começaram a aparecer, como Charles Chaplin e Greta Garbo. Em 1927 é lançado *O Cantor de Jazz*, e com ele, é inaugurado o cinema sonoro. Também nessa década é onde o cinema animado começa a ganhar força e reconhecimento. Nesse período que surge a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, que até hoje é responsável por entregar a estatueta do Oscar aos melhores filmes.

Na década de 30, a empresa Technicolor fez um lançamento que mudaria completamente a indústria cinematográfica. A película filmava em três cores, juntamente com uma câmera de três elementos também. *Branca de Neve e os Sete Anões*. Também foram lançados nessa época, grandes filmes da história do cinema, como *O Mágico de Oz* e *O Morro dos Ventos Uivantes*, ambos em 1939.



Carmem Miranda - Reprodução: Internet

Nos anos 40, o mundo estava em clima de guerra. Com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, os estúdios passam a dar destaques para os números musicais. Também foi nesse período que o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt desenvolveu a chamada Política de Boa Vizinhança, onde pode-se exemplificar com a criação do personagem Zé Carioca e a ascensão internacional de Carmem Miranda, estrelando diversos filmes da 20th Century Fox e tornando-se, em 1944, a mulher mais

bem paga dos EUA. Um filme marcante para representar essa época é *Cidadão Kane*, de 1941, dirigido e estrelado por Orson Welles.



Cena de Cidadão Kane - Reprodução: Internet

A década de 50 foi marcada pelo ápice dos musicais hollywoodianos, e um dos filmes mais aclamados e lembrados na história do cinema foi lançado: *Cantando na Chuva* (1952). Também foi nessa época que, Marilyn Monroe, uma das caras mais notáveis do cinema é consolidada com o papel principal no filme *O Segredo da Viúva* (1951). Entre outros artistas renomados da época são Grace Kelly, Elvis Presley e Brigitte Bardot. No fim da década, os grandes estúdios começaram a demitir grande parte de seus empregados, entre estrelas, diretores e escritores.

Os anos 60 foram o fim da Era de Ouro do cinema. Filmes como *Psicose* (1960), dirigido pelo aclamado Alfred Hitchcock e *Cleópatra* (1963), estrelado por Elizabeth Taylor foram grandes lançamentos desse período. Pode-se também dar destaque ao filme que quebra o american way of life, *A Primeira Noite de um Homem* (1967), e ao vencedor de dez Oscars, *Amor, Sublime Amor* (1961).

É inegável como o cinema faz parte de nossas vidas e como sua presença se tornou nada vez mais indiscutível. Aprender sobre esse assunto é sempre muito divertido e inovador, já que a realidade é de total desenvolvimento e inovações nessa indústria.

POR VICTORIA BAREL

LINHA DO TEMPO

DECADA DE 10'

Crime dos Banhados, primeiro longa-metragem, brasileiro estreia em **1914**

O início da "Década de Ouro" em **1917**

DECADA DE 40'

Consolidação do *neorrealismo italiano* (veja mais sobre na página 13)

Ascensão da Carmen Miranda e surgimento do Zé Carioca em **1942**

Primeira edição do Oscar em **1929** e as animações ganham destaque no cinema

O Cantor de Jazz, lançado em **1927**, dá início ao cinema sonoro

DECADA DE 20'

Em **1953**, *O Cangaceiro* se torna o primeiro filme brasileiro a ser premiado no Cannes

Auge dos musicais com destaque para *Cantando na Chuva* de **1952**

DECADA DE 50'

DECADA DE 30'

O primeiro estúdio brasileiro surge em 1930: o *Cinédia*

Surgimento do gênero *chanchadas*, filmes cômicos-musicais de baixo custo, no Brasil

DECADA DE 60'

Fim da "Década de Ouro" em **1960**

Cinema Novo atinge seu auge após **1964** e é nesse ano que Glauber Rocha cria o clássico *Deus e o Diabo Na Terra do Sol*

Túnel de Curiosidades

Muitas coisas, sejam elas naturais ou não, aconteceram desde a década 1910 até os dias atuais e causaram mudanças no panorama geral da vida. No mundo do cinema, com sua capacidade de mutação sendo uma de suas principais características, não foi diferente. Você ainda verá nessa edição sobre as muitas mudanças técnicas e os movimentos que reformularam a forma de se fazer e ver essa modalidade ao longo do tempo. Dessa forma, nesse texto específico reservará a um compilado de informações e curiosidades dos filmes produzidos ao longo dessas décadas.

Começando pelo tão querido e conhecido, *O Mágico de Oz*, lançado em 1939 com direção de Vitor Fleming. Você sabia que “Over the Rainbow” (ou “Além do Arco-Íris”, em português), uma das músicas mais conhecidas e regravadas, quase não entrou para produção? Isso quase aconteceu porque os produtores acharam que a obra era triste demais para ser introduzida logo no início do filme, mas sendo ela ou não, a verdade é que a música se tornou um dos pontos mais marcantes do longa. Outra curiosidade dessa produção é relacionada a cor, que até certo momento se resume a preto e branco, e quando Dorothy abre a porta após um furacão, passa então a ser colorido. Isso só foi possível devido ao surgimento da empresa Technicolor, responsável por uma tecnologia na qual três cores, quando misturadas, tornavam possíveis a formação de muitas outras. Esse não foi o primeiro filme colorido a ser lançado, mas foi importante na popularização dessa inovação.

Na década de 40, a guerra influenciou muitos acontecimentos inclusive no cinema. A sociedade vivia o horror dos conflitos e os Estados Unidos passou a usar a sétima arte em uma tentativa de amenizar o clima – como se fosse possível, – investindo em comédias e musicais. Além disso, os trabalhos nas telas podiam enfatizar acontecimentos da guerra em si, como a criação do personagem Zé Carioca pelos Estúdios Disney, com o intuito de reforçar a solidariedade continental com o Brasil e estabelecer a política de boa vizinhança. Em 1941, Orson Welles não apenas dirigiu, ma também escreveu, co-produziu e atuou no que é considerado por muitos críticos o melhor

filme de todos os tempos: *Cidadão Kane*. A história é inspirada no empresário americano William Randolph Hearst, e teve muitos de seus diálogos inspirados, beirando uma transcrição, de diálogos e anotações do próprio. A atitude deixou Hearst profundamente irritado, ao ponto de fazer acusações sérias contra Orson no intuito de impedir o lançamento do longa. Acusações essas que não surtiram efeito, já que a produção foi lançada e indicada em nove categorias no Oscar, levando pra casa a estatueta de Melhor Roteiro.

Em 50, uma mudança importante acontece no meio cinematográfico. Até ali, os atores e atrizes eram todos contratados do estúdio e acionados para determinados papéis quando necessário. A partir daí, uma mudança ocorre e é instalado o modelo que vemos até hoje, com esses profissionais sendo contratados a partir da demanda de cada produção.

Já na década de 60, mais especificamente em 1963, a atriz Elizabeth Taylor recebeu um contrato recorde de US\$ 1 milhão para interpretar a protagonista do filme *Cleópatra*, dirigido por Joseph L. Mankiewicz. O longa foi indicado a nove categorias no Oscar e levou para casa quatro estatuetas.

A última curiosidade, mas longe de ser a menos importante, está relacionada a *2001 Uma Odisseia no Espaço* (1968), dirigido por um Stanley Kubrick já conhecido por seu perfeccionismo no set. Dessa vez, o diretor não queria que os materiais de cena fossem reutilizados em outras produções do mesmo gênero, de modo que decidiu destruir tudo a fim de evitar quaisquer possibilidades disso ocorrer.

POR ANA CAROLINE SOUZA



2001: Uma Odisseia no Espaço - Reprodução: Internet

Carlitos, um cidadão do mundo

POR VITÓRIA MARIA

De chapéu coco, bigode, bengala, calças curtas, paletó apertado e modos de cavalheiro. Foi assim que em 1914 surgiu um dos personagens mais memoráveis do cinema: o Carlitos, de Charles Chaplin. Sua primeira aparição foi no filme *Corrida de automóveis para meninos*, um curta de 11 minutos gravado durante uma corrida real na cidade de Los Angeles, com um roteiro bem simples: o personagem insiste em aparecer em frente às câmeras que registravam a corrida, composta por crianças.

Já no segundo filme de Chaplin estavam presentes os elementos que o consagraram como o maior nome do cinema mudo: gestos exagerados, mímica e muitas expressões faciais formaram a comédia pastelão que acompanhou Carlitos em todos os seus filmes. A popularidade do personagem foi quase que instantânea, conquistando o amor de grande parte do público da época, entretanto, muitos dos críticos consideraram as ações de Carlitos "uma vulgaridade".

O humor desempenhado por Chaplin durante os anos de 1910 vai além do impacto na indústria cinematográfica. Carlitos trouxe à população que sofria com os impactos da Primeira Guerra Mundial um alívio através do riso, conseguindo unir através de suas peripécias vários países, que pelo momento de tensão, se encontravam divididos. E conseguiu isso de uma forma simples: os enredos dos filmes mudos eram compreendidos entre os falantes de diferentes línguas sem dificuldades.

Esse, aliás, foi um dos fatores que fez com que o ator defendesse a continuidade dos filmes mudos mesmo após o surgimento de tecnologias que permitiram captar, de uma só vez, imagem e som, já que, segundo ele, colocar palavras na boca de Carlitos tiraria dele a compreensão universal. Mudo, ele continuaria sendo um cidadão do mundo, trazendo diversão aos seus espectadores, de todas as classes sociais, de todas as idades e habitantes de diferentes regiões.

A última aparição de Carlitos foi em *Tempos Modernos*, já na década de 1930. Sua importância é inegável: levou o seu criador a ganhar diversos prêmios e inspirou muitos humoristas - quem nunca deu risadas assistindo as histórias de Mr. Bean?

Fortalecimento de Hollywood, Realismo e Vanguardas

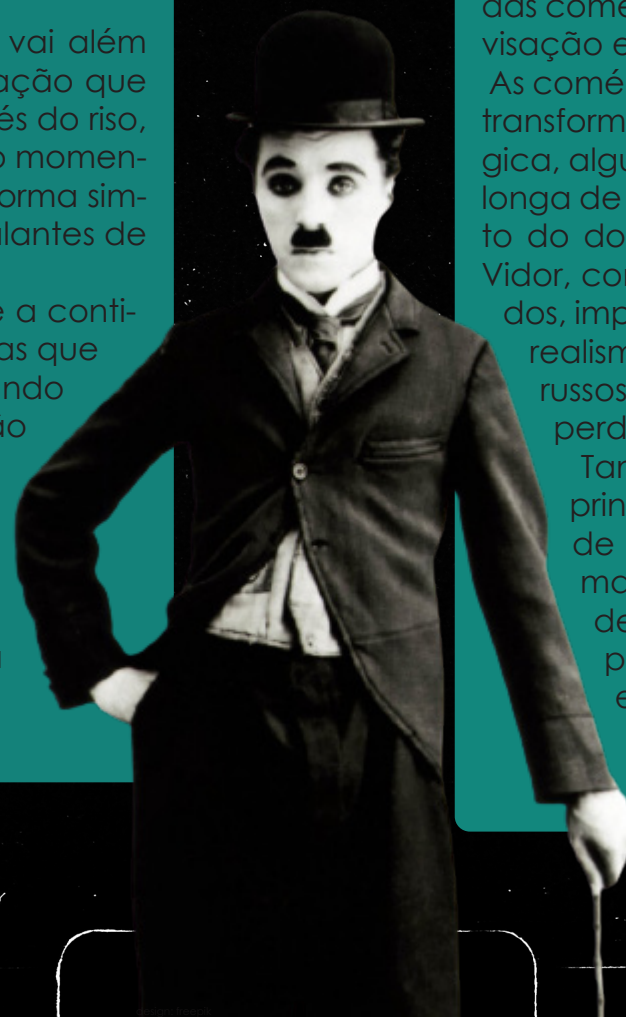
POR PEDRO LANGER

Com o fim da Grande Guerra e a destruição da Europa, ocorreu um processo de fortalecimento de Hollywood como indústria cinematográfica. Nessa época, o investimento no cinema aumentou cerca de dez vezes, com dinheiro que vinha dos banqueiros da Costa Leste para ser gasto pelos produtores. É adotado um sistema de linha de montagem fordista, em que uma função era delegada a cada funcionário, com o objetivo de padronizar e controlar a produção. Assim, uma Hollywood brilhante e romântica atraía jovens e estrelas com o seu escapismo e senso de perfeição.

Durante a década, a comédia foi um dos gêneros mais populares e inovadores. Dois de seus grandes diretores foram Keaton e Chaplin. Keaton, um obcecado pela câmera, pensava como arquiteto e se tornou um dos maiores montadores de cenas cômicas. Chaplin preferia a comédia física e pensava como dançarino. Seu filme *O Garoto* foi pioneiro na humanização das comédias. A combinação de entretenimento, ideias, movimento, improvisação e política o tornaram um dos grandes de seu tempo.

As comédias, junto com os romances extravagantes e seus efeitos especiais, transformaram Hollywood numa grande exportadora. Para desafiar essa lógica, alguns diretores criaram filmes mais realistas. Robert Flaherty fez o maior longa de não-ficção até então, *Nanook Of The North*, e marcou o nascimento do documentário como gênero. Stroheim, com o ultrarrealismo, e King Vidor, com uso de cenas longas, câmeras escondidas e atores desconhecidos, impactaram o estilo. Na União Soviética, Aelita brincou com a ideia de realismo e cidades com linhas angulares e figurinos modernistas. Os filmes russos eram lamentos pessimistas e falavam do realismo da tristeza, da perda e da saudade, como em *Pole Smerti*.

Também temos o desenvolvimento das vanguardas europeias que, principalmente na Alemanha e na França, exploram a materialidade do cinema, através do movimento e técnicas que permitem uma maior manipulação da imagem. Nascia um novo cinema desligado de narrativas e documentos que produz imagens de grande complexidade plástica. O cinema vanguardista foi muito importante por estreitar a relação com a pintura e com a música e para a redefinição do estatuto da arte moderna como meio para hibridizar as formas de arte.



Charles Chaplin -
Reprodução: Internet

A Manipulação Nos Anos 30

A década de 30 foi um período conturbado mundialmente. Diversos países estavam se recuperando da crise de 29, regimes totalitaristas foram implantados, além dos prelúdios da segunda guerra mundial. Bom, e qual o papel do cinema nisso tudo?

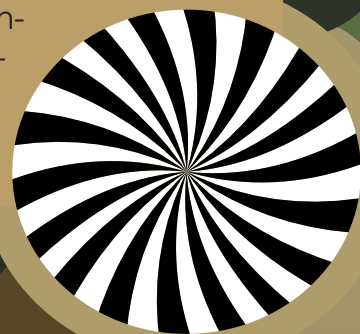
Atualmente, diversos governantes baseiam suas campanhas em vídeos de divulgação, televisionados ou compartilhados em redes sociais, mas, nem sempre tivemos esses recursos. Contudo, desde os primórdios das produções audiovisuais, tornou-se evidente seu poder e como estas detinham certa influência e, por conseguinte, impregnavam valores à população.

Na década de 30, o cinema se tornou um meio muito utilizado para a manipulação popular. O governo Hitler, na Alemanha, fomentou produções cinematográficas para propagar a ideologia nazista e, assim, garantir o apoio da população. A partir de 1933, a indústria cinematográfica alemã se encontra à mercê dos interesses do país. Em 1934, tudo aquilo que era contrário à ideologia predominante era proibido e todas as produções nacionais eram propagandas do regime vigente. Nessa mesma época, na União Soviética (URSS), Stalin controlava o cinema e propagava documentários que cobriam ações militares e obras acerca de figuras russas.

Além do cinema de propaganda, após o início da Grande Depressão, diversos países usaram o cinema como forma de escape da realidade em que se encontravam. Na esfera nacional, a Índia enfrentava conflitos internos em prol da independência e, além do escape, surgiram produções com temas sociais e políticos. Já os Estados Unidos objetivavam, também, inculcar em seus cidadãos as qualidades do capitalismo, o patriotismo e o trabalho como soluções para os problemas enfrentados.

Regimes totalitários e ditaduras sempre buscaram dominar a indústria do cinema e os meios de comunicação. Ademais do controle, da propagação de seus ideais e da censura, são marcados pelo apoio à cultura e à produção nacional. Por fim, é nítido que as produções cinematográficas foram utilizadas como forma de manipular e influenciar a população. Ainda hoje, mesmo que de formas distintas, isso é perceptível.

POR PALOMA FAGUNDES



Os Anos de Guerra

Com a explosão da Segunda Guerra houveram profundas mudanças no cinema, que, como sempre, buscou se adaptar ao contexto sociopolítico. Isso pôde ser bem observado nos EUA, que, mesmo entrando tardiamente na guerra, vivia a era dourada de Hollywood, se aproveitando dessa importante ferramenta para promover sua agenda de propaganda política. Porém, mesmo antes do ataque a Pearl Harbor, o nazifascismo já preocupava o governo à medida que o imperialismo do eixo se evidenciava, mas havia um problema: os americanos.

Isso porque desde o século XIX os EUA seguiam a estratégia de isolacionismo geopolítico da América com a Doutrina Monroe, deixando muitos receos sobre um segundo conflito bélico europeu. Mas logo Hollywood agiu, estimulando o apelo nacional pela democracia contra o totalitarismo. Assim nasceram obras icônicas como *O Grande Ditador* (1940) de Charlie Chaplin, que ironiza Hitler e Mussolini como ególatras e ignorantes e *Casablanca* (1942), grandioso filme de ação que exalta a resistência aliada na Europa.

Popularizaram-se também “filmes-pacote”, isto é, curtas para exportação e propaganda política. Porém, com o mundo em guerra, o mercado audiovisual ficou praticamente restrito à América, que, fortalecida pela Doutrina Monroe, buscou laços com os vizinhos latinos. Assim surgiu *Zé Carioca*, que em *Saludos Amigos* (1942) sambou com Pato Donald e até lhe deu cachaça.

Findada a Segunda Guerra, o cinema italiano, que já havia sofrido intensas alterações até virar uma massiva indústria de propaganda fascista, viu seu sofisticado maquinário audiovisual obsoleto com a derrota na guerra e a ocupação do país pelos aliados, já que o povo estava completamente miserável e não havia mais mercado para obras italianas. Assim surgiu o Neorealismo Italiano. Com a pobreza inviabilizando grandes produções, os diretores passaram a utilizar locações públicas, iluminação natural e até pessoas reais em suas obras, que fogem do escapismo ao retratar a dura realidade do povo de forma quase documental. Filmes dessa corrente incluem *Roma, Cidade Aberta* (1945) e *Ladrões de Bicicleta* (1948).

POR JOÃO PEDRO GAZINELLI



AS ESTRELAS QUE MARCARAM OS ANOS 50



Marilyn Monroe -
Reprodução: Internet



James Dean -
Reprodução: Internet



Escanei o QR Code para ser direcionado ao nosso instagram (@cinecomufv) onde você encontra no destaques os wallpapers dos filmes *Cantando na Chuva* e *Bonequinha de Luxo*

Prosperidade, esperança e mudanças são palavras que descrevem bem a década de 1950. Os anos 50 marcou a Era de Ouro do Cinema Americano por seus musicais e estrelas, crescendo artística e comercialmente. É nesse cenário que estreia *Cantando na Chuva*, em 1952, reunindo as características do cinema musical de décadas anteriores e tornando-se um dos filmes mais lembrados. Ele encabeça a Lista dos 25 Maiores Musicais Americanos de Todos os Tempos, divulgada pela American Film Institute em 2006.

Diversas celebridades marcaram a década e são lembradas até os dias atuais. Gene Kelly marcou o gênero dos musicais já em *Sinfonia em Paris*, mas ao co-dirigir, coreografar e estrelar *Cantando na Chuva*, ele trouxe elementos marcantes da indústria à época, como a transição do cinema mudo ao falado. Não é à toa que o longa é hoje considerado uma obra prima. James Dean, em seus cinco anos de carreira antes de sua trágica morte, se tornou um ícone cultural da desilusão adolescente e foi o primeiro ator a receber uma indicação póstuma ao Oscar de Melhor Ator - e continua sendo o único com duas indicações póstumas por atuação.

Podemos citar diversas mulheres que se tornaram grandes nomes na indústria. Audrey Hepburn, apesar de ser conhecida mais por seu papel em *Bonequinha de Luxo*, em 1961, ela começou seu marco já nos anos 50, sendo até indicada ao Oscar de Melhor Atriz por seu trabalho em *Sabrina* e *The Nun's Story*. Sem mencionar Marilyn Monroe, que se tornou um ícone da cultura pop; e Grace Kelly, ícone de beleza feminina que chegou a ganhar o Oscar de Melhor Atriz por *Amar É Sofrer*, em 1954. Sua maior parceria profissional foi com o renomado diretor Alfred Hitchcock, com quem trabalhou em *Janela Indiscreta*, *Ladrão de Casaca* e *Disque M Para Matar*.

Com a popularização da televisão, os estúdios precisaram atrair o público de volta às salas de exibição. O sistema de estúdio entrou em declínio e equipes passaram a ser contratadas por projeto. Ao fim da década, novas técnicas de filmagem widescreen (proporção 16:9) foram introduzidas, assim se iniciou a ascensão das produções épicas de grande orçamentos.

POR BEATRIZ VALENTE

UM NOVO CINEMA PARA O BRASIL

Os anos 60 foram marcados por revoluções políticas e culturais ao redor do planeta e, no Brasil, não foi diferente. Várias das grandes mudanças sociopolíticas do nosso país foram ambientadas nessa década, fortemente influenciada pelo início da Ditadura Militar e pelo surgimento de movimentos culturais como o tropicalismo. O cinema, com certeza, não se absteve dessas revoluções.

Na década de 1950, o cinema brasileiro era dominado por musicais e produções épicas de largo orçamento que imitavam o estilo hollywoodiano e agradavam produtores e expositores estrangeiros. Já no final da década, jovens cineastas cansados dessa chamada "prostituição cultural" e com o lema "uma câmera na mão e uma ideia na cabeça", começaram a protestar contra o cinema tradicional que, segundo o movimento, se alimentava de "um Brasil analfabeto e empobrecido". Essa mudança de pensamento alinhada às correntes progressistas que chegavam ao governo com Juscelino Kubitschek e João Goulart foram suficientes para influenciar a cultura popular brasileira.

Foi apenas em 1960 que as obras inovadoras foram nomeadas com um movimento e uma era cinematográfica: o Cinema Novo. Isso porque os filmes seguiam cada vez mais a nova onda cultural e, com o início da década, o Brasil estava fazendo o cinema mais político da América do Sul, tornando-se inevitavelmente o lar do nascimento do chamado Cinema Novo.

Explorando a liberdade de expressão dos artistas, ele exigia que os cineastas tivessem paixão pelo cinema e desejo de usá-lo como uma ferramenta para expor problemas sociais. Como um de seus lemas, o movimento mostrava o povo ao povo, tendo a luta de classes e a "estética da fome" como grandes temas explorados, principalmente por um de seus primeiros e mais importantes nomes, o cineasta Glauber Rocha.

Com grandes títulos como *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *Vidas Secas* e *Cinco Vezes Favela*, o Cinema Novo marcou a história cinematográfica mundial sendo um dos mais revolucionários movimentos já existentes. Não há melhor jeito de resumir o que aconteceu no Brasil nos anos 60 do que como foi descrito por Glauber Rocha, usando uma música de Gal Costa: um "cinema perigoso, divino e maravilhoso".

POR MARCELA AGUIAR



Glauber Rocha -
Reprodução: Internet



Audrey Hepburn -
Reprodução: Bonequinha de Luxo (1961)



Othon Bastos como Corisco -
Reprodução: Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964)

Destques da Quarentena

Estamos sempre descobrindo e redescobrimo filmes e séries que não demos a devida atenção antes. Ou então encontramos algum lançamento que nos surpreende mais que do que esperávamos. Quais são as descobertas recentes dos nossos seguidores?



Heaven Officials Blessing @pedroarturviana	Medici Tell Me a Story Os Irregulares @paloma_fag	Gran Torino @anccaroline
Private Practice (Spin-of de Greys Anatomy) @lenir.lcosta21	The Good Doctor @paulaassuncao0	Sky Rojo Grand Army @senhorita_morland
Febre do Rato @luiza.carvalhoh	Love and Monsters @triz_valente	Era Uma Vez Um Sonho @hellise.nayara
Justiça (da Globo) @jp.gazzinelli	Snowpiercer @reh_nuno	Irregulares de Baker Streets @celaaguair
Amor e Monstros @aisabelleoliveira	Liga da Justiça do Snyder @ant27s	

BATALHA DE DECADAS

Qual dessas décadas que marcaram o início do cinema é a preferida da galera? Confira o resultado da nossa enquete!


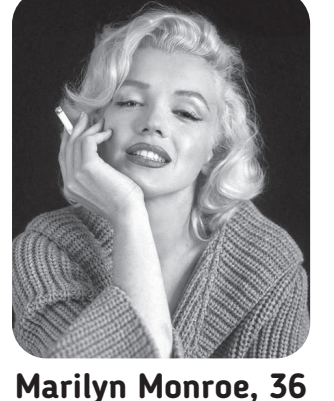



OS ANOS 60'

Criativo e Revolucionário. Em Hollywood, tivemos clássicos como *Amor, Sublime Amor*, *A Noviça Rebelde*, *Bonequinha de Luxo*, *Psicose* e a saga 007. Enquanto no Brasil, surgiu o Cinema Novo, movimento contra o cinema tradicional, marcado por filmes como *Deus* e *o Diabo na terra do Sol*.

Tinder de Belezuras

Além de serem talentosos, muitos artistas faziam o público suspirar quando entravam em cena. Mas, será que as beldades do passado ainda fazem sucesso? Veja o que os nossos seguidores acham!

 <p>Audrey Hepburn, 37 Hollywood nos anos 60 Há décadas de distância</p> <p>9% 91%</p>	 <p>Marilyn Monroe, 36 Hollywood nos anos 60 Há décadas de distância</p> <p>6% 94%</p>	 <p>Tarcísio Meira, 25 Brasil nos anos 60 Há décadas de distância</p> <p>73% 27%</p>
--	--	--

design: freepik

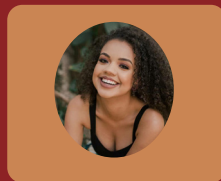
Playlist Retro

- 1 - When You Wish Upon a Star - Cliff Edwards, Disney Studio Chorus
- 2 - Lollipop - The Chordettes
- 3 - Moon River (From Breakfast at Tiffany's) - Audrey Hepburn
- 4- Singin' In The Rain - Gene Kelly
- 5 - A dream -Is a Wish Your Heart Makes - Cinderella Special Edition
- 6 - Mona Lisa - Nat King Cole
- 7 - My Favorite Things - Julie Andrews
- 8 - Something for the Cat - Henry Mancini
- 9 - Dancing on a Cloud - Cinderella Special Edition
- 10 - It's Raining On Prom Night (From "Grease") - Cindy Bullens
- 11 - The Last Night in the Nursey - Olivier Wallace



Link Playlist: <https://cutt.ly/acCXJGHw+>

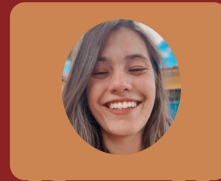
TOP 5 DA EQUIPE



ANA CAROLINE SOUZA

- O Anjo
- Exterminador
- O mágico de Oz
- O Bebê de Rosemary
- Dançando na Chuva

VITÓRIA MARIA



ANTÔNIO DOS SANTOS

- Peter Pan
- A Janela Indiscreta
- A Noviça Rebelde
- Amor, Sublime Amor
- Os Pássaros
- 2001: Uma Odisseia no Espaço
- Um Corpo que Cai
- Psicose
- Deus e o Diabo na Terra do Sol
- Persona

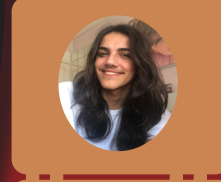


BEATRIZ VALENTE

- Psicose
- Cantando na Chuva
- Cinderela
- Peter Pan
- Alice no País das Maravilhas

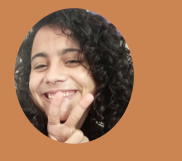


ANA VITÓRIA MESSIAS OLIVEIRA



VICTORIA BAREL

- O mágico de Oz
- Singin in the Rain
- Janaela Indiscreta
- Psicose
- 2001: Uma Odisseia no Espaço



JOÃO PEDRO GAZZINELLI



PALOMA FAGUNDES

- Alô, amigos!
- Pinocchio
- Tempos Modernos
- Luzes da Cidade
- Cantando na Chuva

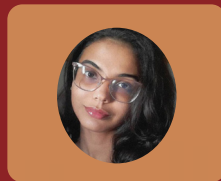


PEDRO LANGER



MARCELA AGUIAR

- A Dama e o Vagabundo
- Deus e o Diabo na Terra do Sol
- Bonequinha de Luxo
- Peter Pan
- Mary Poppins



MAI MEDEIROS

- Romeu e Julieta
- Nosferatu
- Tempos Modernos
- Drácula
- Bonequinha de Luxo

Mazzaropi, o nosso eterno Jeca Tatu

POR MAI MEDEIROS

Mazzaropi. Você já ouviu esse nome por aí? Se a resposta é negativa saiba que você está no lugar certo!

Talvez mais conhecido pelos seus pais ou avós, Amácio Mazzaropi foi um ator, humorista e diretor brasileiro nascido em 1912 e que presenteou o Brasil com 32 obras cinematográficas que o consagraram como um dos maiores atores brasileiros e um ícone da sétima arte no nosso país.

Em 1935, estreou em sua primeira peça teatral, mas só chegou aos cinemas em 1952 onde atuou como o protagonista de *Sai da Frente*. Entretanto, foi através de *Jeca Tatu* (1959) que Mazzaropi alcançou verdadeiro renome, de maneira a se tornar a própria personificação do personagem de Monteiro Lobato.

Com seu humor singelo e tramas simples, Mazzaropi conseguiu, e ainda consegue, marcar o cinema nacional e várias gerações com as comédias com cara de fazenda e do interior. É por isso que não poderíamos deixar de divulgar esse grande ator que no dia 9 de abril estaria fazendo 109 anos.

Mas onde acompanhar todos os clássicos deste grande humorista brasileiro? Isso é mais fácil do que você imagina: na TV Brasil.

A TV Brasil é uma rede de televisão pública fundada e pertencente ao Governo Federal desde 2007 que tem como intuito de impulsionar a construção da cidadania

e expressão da diversidade social, cultural, regional e étnica. É uma rede completamente estatal que, dentro da sua variada programação, separa um espaço especialmente dedicado ao nosso Jeca Tatu. Intitulado como Cine Mazzaropi, os filmes são exibidos todos os sábados, às 16hrs.

Lembre-se, a TV Brasil é um canal aberto e completamente gratuito! Então, anote bem esse horário que te passamos e prepare-se para se divertir muito com diversas aventuras do nosso eterno Jeca!



CANTANDO NO GRAMADO

Não, esta não é a chamada de nenhuma apresentação dos corais da universidade, vamos lembrar aqui a sessão do clássico *Cantando na Chuva* (1952).

Era 26 de agosto de 2018, e ao contrário do que sugere o nome do filme, não houve sequer uma garoa. Ao invés disso, fomos presenteados com um céu limpo e um luar maravilhoso iluminando as várias pessoas que resolveram aparecer para acompanhar aquela sessão.

No telão, que deu um grande trabalho para ser montado e mantido, Gene Kelly e seus colegas de elenco cantavam e dançavam em um dos musicais mais famosos de todos os tempos. Tal qual a nossa plateia, que ria e cantarolava junto, enquanto acompanhava a história de Don e Lina, dois grandes astros que Hollywood que precisam se unir para se adaptar ao cinema falado e produzir um filme com o casal mais famoso do momento: eles mesmos.

Vale lembrar que essa não foi uma simples sessão, é verdade. Foi a primeira sessão daquele semestre e as comuns ventanias da época tentaram a todo custo nos parar criando diversos "problemas técnicos", mas assim como os protagonistas do longa, nos reinventamos, corremos, suamos a camisa e conseguimos realizar o encontro com sucesso.

No fim de tudo, enrolados em suas cangas e lençóis, para se protegerem do friozinho de 17°C, amigos e casais desfrutaram com a gente mais uma divertida noite de domingo no Gramado das Quatro Pilastras. E essa é uma boa memória para recordar.

POR MAI MEDEIROS



No Script!

6ª edição - abril/2021

CAPA

Michelle Beatriz
michellebeatrizverissimo@gmail.com

EDIÇÃO GERAL

Ana Vitória Messias Oliveira
ana.v.oliveira@ufv.br

DIAGRAMAÇÃO

Antônio dos Santos
antonio.henrique@ufv.br

PROJETO GRÁFICO

Beatriz Valente
beatriz.v.silva@ufv.br

REVISÃO

Antônio dos Santos
antonio.henrique@ufv.br

REPORTAGEM E REDAÇÃO

Ana Caroline Souza
ana.silveira2@ufv.br

Beatriz Valente
beatriz.v.silva@ufv.br

João Pedro Gazzinelli
joao.gazzinelli@ufv.br

Mai Medeiros
maianna.vitorino@ufv.br

Marcela Aguiar
marcela.a.pereira@ufv.br

Paloma Fagundes
paloma6.fagundes@gmail.com

Pedro Langer
pedro.langer@ufv.br

Victoria Barel
victoria.barel@ufv.br

Vitória Maria
vitoria.maria@ufv.br

ufvcinecom@gmail.com

www.jornalismo.ufv.br/cinecom/

design: freepik

APOIO

PEC **DCM**
PRO-MEMÓRIA DE
EXTRASMÃO E CULTURA

REALIZAÇÃO

CINECOM
redação **cine** **COM**